



RiUPTC

Repositorio Institucional
UPTC

repositorio.uptc@uptc.edu.co



Sesión 3: Prácticas Gubernamentales en la Educación Técnica, Continua y para el Trabajo

A sedutora condução das condutas na direção de uma educação continuada a distância

Patrícia Mendonça
SENAC

patricia.mend@yahoo.com.br

Karla Saraiva
Universidade Luterana do Brasil – ULBRA
karlasaraiva@via-rs.net

Resumo

O artigo tem por objetivo descrever e analisar as estratégias utilizadas para atrair os sujeitos para a Educação Continuada na modalidade a distância colocadas em circulação pela revista Guia de Educação a Distância. As análises mostram que a revista busca governar os sujeitos, atraindo-os para os cursos de Educação Continuada a distância, conduzindo suas condutas através dos avanços de uma suposta liberdade por meio dos dispositivos móveis proporcionada pelas tecnologias digitais. Os enunciados das revistas conduzem a Educação a Distância para uma educação móvel, e utiliza isso como uma forte estratégia, ao apresentar as possibilidades e recursos para fazer um curso a distância (material impresso, computador, celulares, tablets, etc.). O imperativo de aprendizagem ao longo da vida, entendido como para o desenvolvimento econômico e o crescimento da competitividade, promove a Educação a Distância como um mecanismo capaz de potencializar o comprometimento de cada um com sua aprendizagem.

Palavras-chave: Educação a Distância, Educação Continuada, Governo.

A Educação Continuada tem sido objeto de muitos estudos e debates na educação, pois muitos dos discursos que circulam na sociedade atual dizem respeito à necessidade de aprendizagem por toda a vida. A formação inicial habilita os sujeitos que desejam atuar em determinada área, sendo o primeiro passo de um processo de crescimento permanente. No entanto, é importante levar em conta todas as mudanças culturais e sociais advindas das novas tecnologias e da globalização.

Neste cenário, vem ganhando força os cursos de Educação Continuada na modalidade a distância. Algumas vantagens apontadas são a possibilidade do aluno realizar as atividades em qualquer horário e local e sua descentralização, capaz de dar conta das necessidades de estudantes espalhados pelo interior do país que desejem se qualificar sem deixar suas cidades.

A Educação a Distância (EAD), mediada pela internet, passou a ser considerada uma prática pedagógica aceita, reconhecida e com potencialidade para crescimento, pois está imbricada a uma certa racionalidade que se constitui na Contemporaneidade. Conforme Saraiva (2010b, p.135) a EAD “abre possibilidades de produzir subjetividades com maior inserção naquilo que Foucault (2008b) chamou de governamentalidade neoliberal, que constitui algo muito além de uma doutrina política, funcionando com uma grade de inteligibilidade para a vida social”. Nesta modalidade educacional, ocorre um afastamento da lógica disciplinar, alinhada com o cenário contemporâneo, onde é mais importante saber gerir sua própria vida do que ser capaz de obedecer a regulamentos. E é justamente este tipo de capacidade que deve ser desenvolvido pelos alunos que fazem cursos na modalidade a distância. Ou seja, são novas formas de controle que lançam mão de mecanismos diferentes dos mecanismos disciplinares, mas que atuam com eficácia possivelmente igual ou superior na normalização das condutas.

O objetivo deste artigo é compreender como a revista Guia de Educação a Distância, uma publicação anual da Editora Segmento, está operando o governo dos sujeitos orientado para transformá-los em alunos de cursos de Educação Continuada na modalidade a distância. Assume-se como hipótese que esta condução das condutas está baseada em uma estratégia de sedução que promete qualificação profissional sem maiores alterações nas rotinas dos indivíduos. Ou, dito de outro modo, a revista procura mostrar que a EAD consiste em um meio de fazer crescer o capital humano com o mínimo de esforço.

O material empírico utilizado para desenvolver este estudo é composto pelas reportagens que envolvam a Educação Continuada das sete edições do período 2008-2014. As análises foram desenvolvidas a partir de dois eixos identificados no processo investigativo e que constituem as seções seguintes: utilização do espaço e do tempo como estratégia de governo e tecnologias digitais redentoras.

A utilização do espaço e do tempo como estratégia de governo

Com bastante frequência, são encontrados enunciados nestas revistas que falam da EAD como uma forma de transcender barreiras espaciais, aproximando pessoas distantes geograficamente. “Estar fisicamente longe ficou relativo, a educação a distância derrubou as barreiras do tempo e do espaço” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2009, p.13), explica Frederic Litto, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). Ou seja, a EAD mediada pela internet permitiria mobilidade e flexibilidade ao sujeito, facilitando assim, o acesso a Educação Continuada.

A Educação a Distância elimina obstáculos como tempo e espaço, já que quem decide cursá-la não precisa sair de casa e ir a um local determinado, em um horário estabelecido, várias vezes por semana. É possível que o aluno more em outra cidade, distante da sede da instituição e faça o curso. Ele pode participar de discussões assíncronas, no horário que lhe for mais conveniente. Esse é realmente o melhor benefício (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2011, p.30).

A flexibilidade espaço-temporal não apenas permite superar limitações, como também reduz sacrifícios que teriam que ser feitos para estudar. “A vantagem é que o aluno pode moldar o



programa ao seu ritmo e até com certo conforto, já que evita problemas com deslocamento e trânsito, por exemplo” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014, p.22), resume Paulo de Assunção, professor ligado a cursos de especialização a distância no país e na Universidade de Lisboa.

O uso de recursos de comunicação na EAD possibilitados pelas tecnologias digitais faz com que ocorra um apagamento dos limites temporais que eram impostos pela educação presencial (SARAIVA, 2009), tendo potencial para capturar diversos tipos de sujeitos dispostos a dar continuidade aos estudos. Conforme Saraiva (2009, p.4), “os cursos on-line acabaram com a rígida grade de horários para dar lugar a uma atividade flexível e continuada”. Contudo, o preço que o sujeito paga para que seja liberado do cumprimento de horários é o comprometimento permanente, podendo ser controlado indefinidamente. Assim é na EAD e assim é, muitas vezes, nas relações profissionais. Os mecanismos de controle que se utilizam das tecnologias digitais rasgaram a grade de horários, tornando todos os momentos potencialmente produtivos, seja para o trabalho, seja para os processos de formação.

Ainda de acordo com o Guia

a EAD impulsiona a prática da educação continuada. Por ser flexível, a educação a distância permite a uma pessoa que não poderia mais estudar, por falta de tempo, prosseguir nos estudos, algo fundamental no competitivo mercado de trabalho e, mesmo depois de formado, se atualizar em um campo de saber prático ou científico ou adquirir novas habilidades e competências por meio de cursos que não conferem diplomas, mas uma série de certificados específicos (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.6).

Na Contemporaneidade a formação deve ser continuada, pois é necessário aprender sempre e reciclar conhecimentos, substituindo os velhos e ultrapassados por outros novos e reluzentes, tal como se faz com os bens de consumo. Para convencer os sujeitos a engajarem-se nesses processos educacionais infundáveis, os principais argumentos giram em torno da acirrada concorrência atual, que constitui, de acordo com Foucault (2008b), o princípio de inteligibilidade da governamentalidade neoliberal.

Num mercado altamente competitivo e com rápidas mudanças, a formação universitária não é mais suficiente. É preciso estar em um constante processo de atualização, tanto profissional, quanto pessoal. E a Educação a Distância pode ser a alternativa ideal para quem vive na correria das grandes metrópoles, ou quer acessar conhecimentos de instituições geograficamente distantes (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.44).

De acordo com Maria Helena Morais, coordenadora de seleção da MRH Gestão de Pessoas:

Atualmente a graduação não é o suficiente e, fazer uma pós-graduação nada mais é do que o essencial para aqueles que querem melhorar o currículo. Ela sustenta a tese de que, para os que buscam conhecimento, a EAD faz diferença no diploma, pois cada vez mais esse tipo de ensino tem conquistado credibilidade (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2011, p.47).



A partir desses excertos, parece possível afirmar que a publicação em análise empenha-se em produzir sujeitos que tomem para si a tarefa de gerenciar seus riscos, investindo de modo autônomo no crescimento do seu capital humano na esperança de afastar a sombra do desemprego, da falta de renda, da exclusão social. Na Contemporaneidade, segundo Bauman (1999), a solução dos problemas sociais vem sendo privatizada e individualizada. Num mundo com relações de trabalho cada vez mais instáveis e precárias, discursos como esses veiculados pela revista fazem crer que um possível insucesso profissional é devido exclusivamente à falta de empenho e de investimentos em si dos indivíduos. Os discursos veiculados pelo Guia reforçam essa ideia ao mostrar que por meio da EAD todos podem estudar, pois só precisam reorganizar sua agenda para colocar mais este compromisso. Ou seja, deixar de participar dos processos de Educação Continuada denota apenas falta de empenho pessoal, tornando aquele que toma esta decisão um competidor falho, fadado a um merecido insucesso.

Portanto, as estratégias do Guia apelam para discursos que apontam a Educação Continuada na modalidade a distância como uma opção possível para cada um, capaz de empoderar os sujeitos. Esse empoderamento passa pela produção de capital humano, mas também pela oportunidade de lugarização, que consiste em uma “capacidade de trocar de lugar voluntariamente, de atingir novos lugares antes dos outros e de criar novos lugares, que, cada vez mais, se constitui em uma forma de poder (SARAIVA, 2010a, p.66). Conforme o excerto abaixo, a EAD permite que, por meio das ferramentas de comunicação, os participantes consigam interagir, trocar experiências, fazer novos amigos, novos contatos de emprego, criando e acessando novos lugares no ciberespaço. Sendo assim, pode-se pensar que estes sujeitos não estariam mais amarrados às suas localidades, podendo movimentar-se virtualmente.

Nesse ponto, a EAD vai ainda mais longe: permite a troca de ideias e conteúdos com estudantes, de qualquer lugar do mundo. Acrescenta-se à experiência profissional, o fator cultural, que enriquece ainda mais o processo de aprendizagem (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.39).

A EAD, conforme Saraiva (2010a), vem sendo compreendida como uma forma de mobilidade sem o deslocamento do corpo físico. Para Frederic Litto, presidente da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância):

Aproximar o conhecimento de pessoas que moram em lugares isolados – esse é o principal papel da EAD. Em vez de eles ‘irem’ até a escola, a escola ‘vai’ até elas. Neste sentido, a EAD representa um grande avanço, pois permite que pessoas participem de cursos de graduação e pós-graduação oferecidos por instituições de grande reputação acadêmica, sem sair de suas casas. (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2008, p.10).



Essa mobilidade não se restringe a dar acesso à formação para aqueles que não estão próximos de alguma IES. Por meio da EAD, é possível tornar-se aluno das mais renomadas instituições, não importando sua localização geográfica.

As barreiras são quebradas não apenas em nível local e regional, mas também global. Já pensou em estudar em Harvard? Pois hoje é possível, e sem sair de casa (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.5).

Ou seja, o Guia convoca os sujeitos não apenas a investirem em Educação Continuada, como também a estarem preparados para fazerem escolhas mais radicais: como bons competidores, é necessário que sejam mais ousados em suas escolhas, não se contentando com instituições nacionais. A EAD permitiria a todos não apenas continuidade nos estudos, como também um salto qualitativo ao tornar o acesso às mais importantes universidades do mundo distante apenas alguns cliques na tela de algum dispositivo de acesso à internet.

Portanto, Conforme já afirmava Deleuze (1992, p.216), “pode-se prever que a Educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – um outro meio fechado – mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente”. Certamente, a EAD presta uma grande contribuição para efetivar esta previsão. Educação e trabalho não apenas devem-se acomodar nas agendas dos indivíduos, como também a rígida separação entre ambos está esmaecida. Estuda-se e trabalha-se simultaneamente, não existem limites temporais claros entre essas duas ações. “O exercício profissional e os processos de formação andam lado a lado” (SARAIVA, 2013, p.12). Ou, conforme apregoa a o Guia de Educação a Distância (2012, p.5), “os cursos a distância derrubaram fronteiras e tornaram possível aprender a qualquer tempo, de qualquer lugar. Agarre a oportunidade e invista na sua vida pessoal e profissional”.

Assim, é possível afirmar que esta publicação constrói a ideia de que estudar a distância é fácil e acessível a qualquer um, possibilitando que todos se comprometam com a Educação Continuada, condição necessária para conservar e, eventualmente, fazer crescer o capital humano, fator decisivo para enfrentar a concorrência. E o que torna a EAD muito mais agradável e fácil é o poder supostamente mágico das tecnologias digitais.

Tecnologias digitais redentoras

Outra estratégia de governo utilizada pela revista Guia de Educação a Distância está relacionado ao uso das tecnologias digitais, tendo em vista que em diversos artigos a publicação aponta as tecnologias digitais como “salvação” para a educação na Contemporaneidade. Por meio das tecnologias digitais, estaria se constituindo uma educação virtual – a educação passa a ser uma forma de êxodo (LÉVY, 1999). As tecnologias digitais desterritorializam o processo educacional. Conforme Saraiva (2010a, p.67), atualmente existe o entendimento de que “a tecnologia que hoje se desenvolve teria potencialidade para mudar as condições de vida nas localidades isoladas”. Se a flexibilidade e mobilidade são características utilizadas como atrativos, o que as tornam possíveis são justamente as tecnologias digitais. Os computadores de



mesa já se mostravam como um avanço nesse quesito. Porém, a popularização dos dispositivos móveis nos últimos anos ampliou suas possibilidades: não apenas estudar em casa ou no escritório, mas em qualquer lugar.

Independente de qual será o futuro da EAD é sintomático que o modelo atual já aponte para uma convergência de mídias. Com o intuito de deixar os cursos mais dinâmicos e atrativos, as instituições integram as mídias de aprendizagem para prover a ubiquidade, ou seja, garantir que os recursos estejam acessíveis a qualquer momento e onde quer que o aluno esteja (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010, p.38).

Atualmente, observamos a constante movimentação de usuários com aparelhos portáteis conectados à internet e a outros usuários. Neste sentido, esse tipo de tecnologia transforma nossa experiência de espaço, pois, “insere contextos remotos dentro de contextos presentes” (SILVA, 2006, p.24). Neste contexto, as instituições educacionais vêm percebendo os celulares e os tablets como possíveis e promissores aparelhos para a educação on-line.

Centenas de grandes universidades já descobriram o potencial desses dispositivos móveis. Instituições como o MIT (Massachusetts Institute of Technology), Universidade de Oxford e Universidade de Stanford oferecem cursos gratuitos na plataforma iTunes U, da Apple. O usuário instala um software em seu iPhone, iPad ou iPod e, ao se conectar à internet, baixa o curso que quiser (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013, p.18).

O excerto acima aponta para a tendência de uma EAD móvel, em que os conteúdos poderão ser acessados por qualquer aparelho ou dispositivo móvel. Atualmente, a Educação a Distância conta com suporte de plataformas digitais, chamados genericamente de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), que integram diversas ferramentas para comunicação síncrona e assíncrona, no intuito de reduzir os efeitos da distância entre os participantes. Conforme Saraiva (2010a, p.13) “as ferramentas utilizadas nos ambientes de aprendizagem on-line permitem a interação entre alunos e professor, mesmo que estes não estejam no mesmo lugar e que não realizem suas tarefas de forma simultânea”.

Ao entrar nos chamados ambientes virtuais de aprendizado (AVA), o aluno encontra conteúdos interativos, jogos relacionados ao tema da aula, fóruns de discussão, testes escritos de conhecimento, ferramentas para questionar o professor em tempo real, vídeos, canal de áudio para conversação com outros alunos e muitos outros recursos (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013, p.15).

Porém, parece-nos que a ideia de mobilidade e desterritorialização não esteja restrita à possibilidade de acesso ubíquo. O confinamento da EAD nos ambientes de aprendizagem vem sendo corroído pela utilização de outras ferramentas que não são específicas. A Educação



Continuada não apenas pode ser acessada em qualquer lugar, como também pode invadir todos os ambientes digitais. Se antes era possível acessar recursos para atividades públicas e privadas na mesma máquina, hoje são os próprios usos dos recursos que se embaralham.

A grande aposta de muitos educadores que lidam com tecnologia e estão envolvidos com EAD é que em um futuro bem próximo os ambientes tradicionais de aprendizagem fiquem desertos. Isso por conta do crescimento e da popularização das ferramentas informacionais, que não foram produzidas para a educação, mas cumpriram muito bem o papel. O YouTube para vídeo, os blogs, podcasts, wikis, msn, o Twitter, Orkut, Facebook e outras ferramentas informais tem mais o perfil do usuário e ganham a preferência de quem usa essas mídias diariamente (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010, p.38).

Neste sentido, muitos recursos estão disponíveis para a aprendizagem on-line, porém é importante problematizar enunciados que afirmam que as tecnologias digitais são recursos imprescindíveis para potencializar a aprendizagem. Percebe-se, assim, que existe um salvacionismo expresso nos enunciados da revista.

Há casos em que o ambiente virtual e a interatividade on-line propiciam uma evolução nas disciplinas que não seria possível no método presencial (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010, p.46).

Os artigos analisados conduzem os leitores, a observar que as tecnologias digitais vêm contribuindo muito para o avanço e crescimento da EAD, pois ao mesmo tempo em que a internet passou a ser a ferramenta fundamental, acabou trazendo consigo novos conceitos, que gradativamente, incorporam-se ao cotidiano educacional, tais como e-learning, educação on-line, aprendizagem mediada por computador e, recentemente, mobile-learning (PETERS, 2003). Sendo assim, a revista Guia de Educação a Distância, busca governar os sujeitos no sentido de mostrar como as tecnologias digitais podem contribuir para tornar um curso a distância tão ou mais interessante que um curso presencial.

Mas é a Educação a Distância via internet, propriamente chamada de ensino on-line, que tem tornado a modalidade mais eficaz e atraente. Os recursos de comunicação que a rede mundial de computadores tem disponibilizado vêm tornando a EAD muito semelhante aos cursos presenciais. Os bate-papos virtuais, ou chats, contando inclusive com a possibilidade de se 'enxergar' o interlocutor por meio de câmeras conectadas aos computadores, as webcams, além dos fóruns de discussão, aproximam as partes. A banda larga via cabo, linha telefônica ou satélite facilitam a tarefa. E os computadores portáteis, os notebooks, aliados às redes sem fio, ou wireless, permitem muita mobilidade para o estudante (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2009, p.11).



De acordo com a Coordenadora de Idiomas do grupo educacional Uninter, Maria Lúcia de Castro Gomes, as tecnologias digitais poderiam até mesmo ampliar a proximidade com o aluno, possibilitando um melhor atendimento do que haveria presencialmente.

Em muitos casos, o aluno tem dificuldade de se expor diante da classe. Há muitas desistências por causa disso. No sistema EAD, o aluno é mais acompanhado que em sala de aula, mas é uma forma de cobrança que não o expõe. As ferramentas tecnológicas podem ajudar a pessoa a se expressar sem medo. E o atendimento é mais particular. Se não houver barreira com a tecnologia, a comunicação se torna muito mais eficiente. Além disso, os recursos são muito mais ricos que nos cursos presenciais. (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010, p.50).

Esta ideia de uma tecnologia que aproxima apesar da distância geográfica também aparece na declaração de Stavros Xanthopoulos, diretor executivo da FGV On-line:

[...] as pessoas criam laços e o relacionamento é tão intenso quanto nos cursos presenciais e de alto valor agregado. Por que a tecnologia está disponível para isso. Para aproximar pessoas geograficamente distantes. [...] o nome do nosso negócio [EAD] está errado, por que não é a distância, pois a pessoa não precisa se locomover (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010, p.28).

Afirmações como as dos excertos acima sobre o poder que a tecnologia teria de transformar a educação e seus usuários de maneira automática, ampliando a participação e potencializando a aprendizagem, podem ser associadas com o que se vem chamando de determinismo tecnológico. Segundo Lima (2001), pode-se dizer que o determinismo tecnológico se trata de um esquema lógico no qual se aposta que uma tecnologia, sempre condiciona os modos de percepção, de cognição e, enfim, de comunicação de uma dada pessoa e/ou cultura. Ou seja, o determinismo tecnológico se evidencia em enunciados que mostrem uma crença de que as tecnologias digitais possam ter um poder transformador na Educação, estimulando a de modo automático o envolvimento dos alunos e os processos interativos entre eles e com o professor/tutor. Cabe ressaltar que até há algum tempo atrás o determinismo tecnológico funcionava em outro sentido: ele era constituído a partir do temor que as tecnologias digitais transformassem a educação em uma sequência skinneriana de “estímulos e respostas”

As tecnologias digitais redentoras não apenas podem salvar os processos educacionais, como também promover sociabilidades inauditas. Elas possibilitam promover a interação e manter contato com pessoas de qualquer parte do mundo. “Ter colegas de todas as partes do mundo enriquece o debate” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014, p.38), avalia a estudante Edileusa. Conforme Liliana Magon de Almeida, diretora executiva da Junior Achievement de São Paulo:



O network é a chave que abre o mercado de empregos e de negócios nos dias de hoje. Quem faz o seu network bem feito certamente tem um diferencial significativo sobre seus competidores (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2011, p.44).

Neste sentido, a EAD, via internet, possibilitaria ao sujeito ter uma ampla rede de contatos, e consequentemente maiores oportunidades no mercado de trabalho. Nos enunciados presentes na revista, o network é visto como uma ferramenta para a conquista de um bom cargo profissional, além de ser uma habilidade que o sujeito deve possuir no século XXI – a de criar redes de relacionamentos (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014). Ou seja, o network proporcionado pelas tecnologias digitais seria mais um imperativo na busca pelo investimento em si mesmo.

Em praticamente todas as edições analisadas, a revista Guia de Educação a Distância, aborda o termo “mobilidade”: mobilidade para estudar, mobilidade para fazer as atividades, mobilidade de horário, e principalmente, mobilidade para acessar o material (mobile-learning). Mobilidade esta que só parece ser possível graças às tecnologias digitais. Conforme Silva (2013), o m-learning é o processo de aprendizagem caracterizado pela mobilidade dos aprendizes que, para vencerem as distâncias dos espaços formais de educação, utilizam tecnologias da informação e comunicação móveis e sem fio. “Os alunos já podem, por exemplo, ouvir um podcast com o conteúdo de uma aula em seu celular ou mesmo responder a exercícios enquanto pegam o metrô” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014, p.46). Neste sentido, de acordo com Silva (2006):

Os espaços híbridos combinam o físico e o digital num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação. A emergência de tecnologias portáteis contribui para a possibilidade de se estar constantemente conectado a espaços digitais e de, literalmente, se ‘carregar’ a internet aonde quer que se vá (SILVA, 2006, p.27)

Segundo alguns excertos, aprender com mobilidade é, possivelmente, a grande revolução da educação no século XXI, através da difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação Móveis (TIMS) e sua popularização por meio de dispositivos digitais como notebooks, telefones celulares, smartphones, aparelhos de mp3 e tablets aliados a redes sem fio – Wi-Fi (SILVA, 2013). Neste sentido, a revista Guia de Educação a Distância reafirma esses possíveis ganhos, apresentando aos leitores as vantagens da mobilidade. Como afirma Janes Fidélis, diretor acadêmico de EAD da Universidade Anhembi Morumbi:

Não é preciso estar preso a um computador desktop ou um notebook para estudar. Com a popularização de dispositivos como smartphones e tablets, os cursos também migraram para essas plataformas. Atualmente, 8% dos acessos aos nossos cursos a distância são feitos de dispositivos móveis (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014, p.46).

A ênfase em dispositivos móveis começa a aparecer na edição de 2009 da revista Guia de Educação a Distância. Discretamente ao definir o conceito de Educação a Distância, é apresentada uma linha do tempo com as fases da modalidade, onde sugere que em 2008 acontece a implantação da tecnologia 3G para envio de material multimídia por meio de celular (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2009, p.11). Porém, é somente na edição de 2010 que os dispositivos móveis ganham destaque nos artigos, como recursos “indispensáveis” para a educação on-line, pois promovem mais interação e autonomia aos sujeitos, além da mobilidade que esses aparelhos proporcionam. Segundo Romain Mallard, diretor da Digitalsk, “Os alunos já estudam em vários dispositivos. Tem gente que começa a assistir um conteúdo no computador de casa, tem que sair e aí continua acessando no ônibus, no smartphone ou tablet, e termina a sua lição no desktop do escritório” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013, p.16).

Ainda sobre mobilidade, a revista Guia de Educação a Distância, do ano de 2014, destaca a utilização dos MOOCs (Massive Open Online Courses, cuja tradução seria Cursos Online Abertos e Massivos). Os MOOCs além de levarem conhecimento a áreas distantes, “possibilitam aprendizagem social e informal e uma educação on-line interativa e colaborativa, com baixo custo e oferecida em larga escala” (MATTAR, 2013, p.61). Neste sentido, os MOOCs são apresentados pelo editor Gabriel Jareta, nesta última edição como novidade para a educação on-line:

Um novo horizonte: em pouco tempo, não será surpresa nenhuma você ou algum amigo fazer um curso de computação ou de economia pela Universidade de Harvard, uma das mais famosas do mundo, sem gastar nenhum tostão, nem sair de casa, bastando apenas uma conexão à internet e conhecimento da língua em que o curso é oferecido. E o melhor: o certificado de conclusão do curso será reconhecido pelo mercado de trabalho e poderá contar créditos para uma pós-graduação presencial no Brasil. Essa é promessa dos MOOCs, os Massive Open Online Courses (ou cursos abertos on-line e massivos), um modelo de educação a distância que promete mexer nas estruturas da educação superior do mundo (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2014, p.4).

Entendemos que os MOOCs também são concebidos a partir de uma racionalidade neoliberal, pois se apresentam como mais um recurso para a aprendizagem ao longo da vida, com um novo conceito de cursos abertos, via internet, que busca levar o conhecimento a um público grande e diversificado de maneira gratuita, promovendo a responsabilidade individual de gestão de seu capital humano. Parece não haver mais desculpas para não estudar, o sujeito contemporâneo é capturado pelos discursos da Educação Continuada, tendo nas tecnologias digitais uma grande aliada não só por permitir superar as limitações espaço-temporais, mas também financeiras, tendo em vista que esses cursos são na maioria das vezes gratuitos ou, pelo menos, com custos muito baixos.

A partir do que foi exposto, percebe-se que a revista busca governar os sujeitos, atraindo-os para os cursos de Educação Continuada a distância, conduzindo suas condutas através dos avanços de uma suposta liberdade por meio dos dispositivos móveis proporcionada pelas tecnologias digitais, produzindo assim. É possível, ainda, perceber uma estreita relação entre os eixos de análise: busca-se atrair os sujeitos para a Educação Continuada na modalidade a distância por ser uma forma de estudos flexível e que permite a mobilidade. Porém, flexibilidade e mobilidade



estão inextricavelmente ligadas às tecnologias digitais. O poder redentor destas tecnologias tanto se manifesta pelas possibilidades de usos mais individualizados do espaço-tempo, quanto por uma alegada capacidade que lhes seria intrínseca de tornar a aprendizagem mais prazerosa e potente.

Conclusão

Por meio desta investigação, foi possível perceber que a Educação a Distância vem sendo considerada uma estratégia privilegiada para desenvolver a Educação Continuada, sendo que os artigos da revista buscam capturar os sujeitos para a realização de cursos de especialização nesta modalidade, fazendo com que desejem e passem a ser indivíduos que nunca param de estudar. Esse governo das condutas pode ser percebido em alguns enunciados como “investir na carreira é fundamental”, “o que as empresas mais valorizam hoje são pessoas que nunca param de estudar”, ou ainda, “a EAD estimula a educação continuada, possibilitando o prosseguimento dos estudos, algo fundamental no competitivo mercado de trabalho atual” (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2010; 2012; 2013).

A primeira estratégia de governo que identificamos na revista para atrair os leitores para a Educação Continuada na modalidade a distância são as formas de utilizar e significar espaço e tempo. Conforme os enunciados da revista, a EAD transcende barreiras espaciais e aproxima pessoas geograficamente distantes, através das tecnologias digitais. Na Contemporaneidade a formação deve ser contínua, pois é necessário aprender sempre, ou seja, a aprendizagem deve ser ao longo da vida. Neste cenário, conforme os artigos analisados, a Educação a Distância surge como uma alternativa para esse público que já concluiu a graduação, que estão com suas carreiras em andamento, e, conseqüentemente, levam uma vida corrida, com falta de tempo para estudar.

Com a Educação a Distância as tradicionais barreiras ao ensino superior caíram. Por exemplo: mesmo que você more em Roraima, pode estudar na USP sem sair do seu estado. Percebeu como mudaram os paradigmas? E tudo isso com uma oferta de qualidade e um diploma com o mesmo valor que os dos cursos presenciais. Na verdade a Educação a Distância representa até algumas vantagens, como a habilidade de disciplina para o auto-aprendizado, característica bastante valorizada pelo mercado de trabalho (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.22).

A segunda estratégia de governo identificada na revista Guia de Educação a Distância está relacionada com a noção de tecnologias digitais redentoras. As narrativas dos artigos apontam as tecnologias digitais como “salvação” para a educação na Contemporaneidade, pois são tomadas como condições de possibilidade para a mobilidade dos estudantes. A expressão “mobilidade” aparece com vários sentidos: mobilidade para estudar, mobilidade para fazer as atividades, mobilidade de horário, e principalmente, mobilidade para acessar o material (mobile-learning). Os enunciados das revistas conduzem a Educação a Distância para uma educação móvel, e utiliza isso como uma forte estratégia, ao apresentar as possibilidades e recursos para fazer um curso a distância (material impresso, computador, celulares, tablets, etc.), produzindo assim, novas subjetividades de espaço e tempo.



Para finalizar, julgamos ser importante apresentar as “vantagens” da Educação a Distância em destaque na revista, pois as vejo como estratégias para atrair os sujeitos aos cursos de Educação Continuada a distância:

- Flexibilidade de horários;
- Não ter que frequentar a instituição todos os dias;
- Cursos acessíveis a estudantes de todas as classes sociais;
- Mensalidade até 74% mais baixa que a presencial;
- Grande oferta de opções de cursos;
- Diploma tem a mesma validade de um curso presencial;
- Incentivo ao uso de novas tecnologias;
- Troca de culturas com estudantes de diferentes lugares do Brasil;
- Desenvolvimento de habilidades como disciplina e autonomia (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p.22).

Essas possíveis vantagens apresentadas pela revista, que sugerem a opção por cursos a distância por suas facilidades não deixa de ser uma forma de governo. A governamentalidade neoliberal que se consolida no final do século XX vem ocupando lugar privilegiado nos modos de compreender o mundo, e a inserção da Educação a Distância nessa racionalidade contemporânea faz dessa modalidade educacional uma prática pedagógica cada vez mais reconhecida e aceita. Neste sentido, conforme os artigos analisados, a Educação a Distância apresenta-se como um poderoso recurso para a Educação Continuada. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Ensino a Distância, Frederic Litto,

Atualmente o maior número de alunos da EAD ainda está na graduação, mas isto deve mudar nos próximos anos e a educação continuada será a grande vedete. A graduação e a pós-graduação vão crescer, mas a educação continuada vai crescer mais que todos. Ninguém vai poder ficar 12 meses sem fazer um curso e esse curso provavelmente será a distância (GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2011, p.42).

Acreditamos que o excerto acima sintetize o que foi analisado até aqui, pois na sociedade contemporânea entende-se ser obrigação do sujeito participar desse fluxo contínuo de aprendizagem, pois, na racionalidade atual, a formação nunca estará pronta. A aprendizagem deve ser ao longo da vida, e essa proposta desperta um certo encantamento, em relação à atualização constante de conhecimentos como um imperativo da sociedade, pois corresponde a uma necessidade econômica e social, afim de garantir que todos indivíduos possam participar e aprender no decorrer de suas vidas, desenvolvendo novas habilidades. Pode-se dizer que esses discursos estão relacionados com a noção de investimentos no capital humano, pois a aprendizagem ao longo da vida é capturada pela governamentalidade neoliberal, através de subjetividades dos ditames mercadológicos (SARAIVA, 2013).



O estudo mostra, portanto, que os discursos que circulam na revista produzem e são produzidos pelo imperativo contemporâneo da aprendizagem ao longo da vida, que exige crescentes investimentos em Educação Continuada, apontando a EAD como uma estratégia inclusiva, que permite que só se mantenham fora desta aprendizagem sujeitos que assim desejem. A modalidade a distância é capaz de atender a todos, mesmo aqueles com agendas apertadas e impossibilitados de frequentarem salas de aula. Até mesmo quem possui poucos recursos econômicos pode se beneficiar do EAD. As análises da publicação levam-nos a afirmar que Educação Continuada na modalidade a distância contribui para reforçar a ideia de que o sucesso ou o fracasso de cada um é resultado apenas de suas escolhas individuais.

Referências

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Disponível em <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/star.htm?infoid=636&sid=81&ractiveTemplate=4abed>. Acesso em Mai/2014.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1992.

FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, Karina M. Determinismo Tecnológico. INTERCOM – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande/MS. Setembro 2001.

MATTAR, João. Web 2.0 e Redes Sociais na Educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

PETERS, Otto. Didática do ensino a distância. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SARAIVA, Karla. Uma educação sem limites. 32ª Reunião Anual da ANPED. 2009b, Caxambu, GT-16. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5562--Int.pdf>> Acesso em: mai/2014.

SARAIVA, Karla. Educação a distância: outros tempos, outros espaços. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010a.

SARAIVA, Karla. Formação de professores nas tramas da rede: uma prática de governamentalidade neoliberal. Em Aberto, v. 23, p. 123-137, 2010b.

SARAIVA, Karla. Novas geometrias no trabalho e na educação. Texto digitado apresentado no 5º SBECE/2º SIECE. Canoas, 20 a 22 de maio de 2013.

SILVA, Adriana. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In: ARAÚJO, Denise. Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.



SILVA, Robson Santos da. Gestão de EAD: Educação a Distância na Era Digital. Santos: Novatec Editora, 2013.

SILVA, João de Deus. Formação continuada: carta de alforria e controles reguladores. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 2006.

Revistas analisadas

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 5, nº 5, 2008.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 6, nº 6, 2009.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 7, nº 7, 2010.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 8, nº 8, 2011.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 9, nº 9, 2012.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 10, nº 10, 2013.

GUIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Editora Segmento. Ano 11, nº 11, 2014.